

O ESPAÇO DO DESERTO EM TERRA DOS HOMENS, DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

Emanuele Mendonça de FREITAS¹
Márcio Miranda ALVES²

RESUMO

Este artigo analisa a representação do espaço do deserto na obra *Terra dos homens*, do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry. A análise concentra-se na experiência de vida de Exupéry no deserto do Saara e na transposição dessa experiência para a obra literária. Procura-se observar nos relatos do escritor a forma como ele percebe e descreve o deserto, tanto em relação a paisagens quanto em relação aos sentimentos despertados pela imensidão do espaço. O trabalho utiliza como aporte teórico os estudos de Michel de Certeau sobre o espaço.

PALAVRAS-CHAVE:

deserto, espaço, terra dos homens, Fronteiras étnicas. Identidade Social. Reterritorialidades.

RESUME

Ce article analyse la représentation de l'espace du désert dans l'œuvre *Terre des Hommes*, de l'écrivain français Antoine de Saint-Exupéry. L'analyse porte sur l'expérience de vie d'Exupéry dans le désert du Sahara et la transposition de cette expérience dans l'œuvre littéraire. On cherche à observer dans les rapports de l'écrivain la manière dont il perçoit et décrit le désert, à la fois par rapport aux paysages et par rapport aux sentiments suscités par l'immensité de l'espace. L'ouvrage utilise comme contribution théorique les études de Michel de Certeau sur l'espace.

MOTS-CLÉS:

désert, espace, terre des hommes

INTRODUÇÃO

Não podemos compreender o mundo em que vivemos se nós mesmos não estamos encerrados nele.

Antoine de Saint-Exupéry

Antoine Marie Roger de Saint-Exupéry é autor de diversas obras que abordam a aviação, a guerra e as experiências de viagem. Nascido em Lyon, na França, em 1900, Exupéry era conhecido como o “poeta da aviação”, uma vez que a sua profissão constitui-se na matéria-prima de seus livros.

Na grande maioria dos textos escritos por ele, o deserto torna-se um elemento importante da narrativa, assumindo diferentes significados conforme a época e as experiências vividas pelo piloto. É esse espaço, particularmente o Saara, que proporciona a ambientação para as histórias, além de aparecer com frequência nos relatos memorialísticos e nas cartas escritas aos familiares.

Apesar de o escritor ter enfrentado algumas dificuldades no deserto, onde por pouco não sucumbe após um pouso de emergência, o Saara era um lugar especial para ele, de modo que as areias não eram apenas a decoração das experiências que vivia, mas um universo de contrastes, como a solidão e a convivência, a alegria e a tristeza, a vida e a morte, entre outros.

Nesse sentido, este artigo analisa os relatos do deserto na obra *Terra dos homens*, publicada em 1939, a qual apresenta as impressões de Saint-Exupéry sobre o Saara. Esses apontamentos, interpretados a partir do conceito de “lugar praticado” de Michel de Certeau, ajudam a compreender a constituição do deserto enquanto um espaço volátil, que adquire diferentes significados conforme a abordagem dos relatos das experiências individuais daqueles que o vivenciam.

1 Mestranda do Programa de Mestrado em Letras e Cultura na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Bolsista PROSUP/CAPES. E-mail: emfreitas@ucs.br

2 Pós-doutor em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP), mestrado em Literatura

Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduação em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Atua como professor no Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da UCS e no Doutorado em Letras - Associação Ampla UCS/Uniritter. E-mail: mirandaalvesm@gmail.com

MICHEL DE CERTEAU E AS PRÁTICAS DE ESPAÇO

O espaço é carregado de significados, muitos deles percebidos pelas pessoas de forma associativa, sem que elas saibam a origem exata dessa compreensão. O deserto, por exemplo, é conhecido por muitos como um espaço de solidão, enquanto a escola pode ser um espaço de aprendizado e a igreja de oração. Apesar disso, os significados se modificam a partir do momento em que o espaço é considerado um “lugar praticado” (CERTEAU, 1994, p. 201), de modo que a rua anteriormente compreendida somente como urbanismo se transforma em espaço pelo uso que os pedestres fazem dela, assim como a leitura torna-se um espaço que se constrói por meio de um sistema de signos, de escritos que são interpretados pelos leitores (CERTEAU, 1994).

É assim que a escola deixa de ser somente um prédio, adquirindo outros significados: aprendizado para aqueles que dela fazem uso para estudar, diversão para os que veem nela uma oportunidade de reencontrar os amigos, trabalho para os professores. O uso, ou seja, a prática, faz do espaço o que ele é, define suas características.

Nesse contexto, faz-se uma distinção entre lugar, que envolve elementos que são organizados por uma ação, mas que, apesar disso, não leva em consideração seus movimentos (JOSGRILBERG, 2005, p. 49), e espaço, que considera não só os vetores de direção, mas também a velocidade e o tempo. Assim, os lugares tornar-se-iam espaços que, diferentemente dos demais, permitem a organização não só do sistema econômico, mas também da hierarquização social e de outras estruturas que compõem a sociedade.

Para Certeau, a ação cultural, que pode ser considerada uma trajetória que se refere aos lugares que, por sua vez, podem determinar condições de possibilidades, seria um exemplo de prática de um espaço construído a partir do momento em que essa ação introduz uma inovação ou um deslocamento. Dessa forma, os lugares seriam histórias fragmentárias e os lugares

vivididos seriam como “presenças de ausências” (CERTEAU, 1994, p. 189), ou seja, o que está sendo mostrado acaba por designar algo que já não existe, de modo que transforma o memorável em algo que é possível sonhar sobre determinado lugar. Porém, isso ocorre somente em práticas de espaço, na troca com o outro. Nesse sentido, a prática do espaço é a repetição da experiência da infância. É, “no lugar, *ser outro e passar ao outro*” (CERTEAU, 1994, p. 191, grifo do original).

Seguindo essa linha de raciocínio, o autor observa ainda que, a partir do momento em que se leva em consideração os vetores de direção, velocidade e tempo, existe espaço. Os movimentos animam o espaço, dando a ele significado. Josgrilberg (2005), que estuda a obra de Michel de Certeau, comenta que, para o autor, o lugar envolve elementos que são organizados por uma ação, mas que, apesar disso, não leva em consideração seus movimentos.

Nesse sentido, Certeau (2003, p. 249) designa por lugares os espaços que, diferentemente dos demais, permitem a organização não só do sistema econômico, mas também da hierarquização social e de outras estruturas que compõem a sociedade. Dessa forma, percebe-se que o lugar é composto por estabilidade e histórias isoladas, possibilitando a criação de imagens memoráveis a respeito dele.

O espaço, por sua vez, se define pelo movimento existente em um lugar organizado por estratégias que privilegiam as relações espaciais (JOSGRILBERG, 2005). Assim, as estratégias tornam-se ações que combinam diferentes tipos de lugar, com o intuito de dominá-los. Além disso, elas procuram atribuir um lugar próprio a cada elemento, combinando os movimentos com unidades, ou seja, elas “apontam para a resistência que o *estabelecimento de um lugar* oferece ao gasto do tempo” (CERTEAU, 1994, p. 102, grifo do original), de modo que as formas de agir se modificam de acordo com as apostas realizadas no lugar ou no tempo. Dessa forma, as estratégias,

ao atribuir um lugar próprio para cada elemento, podem modificar a forma de agir de cada um, conforme o lugar ou o tempo (CERTEAU, 1994).

Em relação aos relatos, Certeau afirma que eles são «percursos de espaços» (1994, p. 199), uma vez que organizam, selecionam e reúnem os lugares, fazendo deles frases e itinerários. Além disso, o autor comenta que os relatos são práticas de espaço uma vez que todos eles acabam se tornando relatos de viagens, ou seja, de experiências e vivências do indivíduo. Dessa forma, os relatos realizam um trabalho que acaba por transformar “lugares em espaços ou espaços em lugares” (CERTEAU, 1994, p. 203).

Seguindo essa linha de raciocínio, Certeau (1994, p. 215) ressalta ainda que o relato “instaura uma caminhada (‘guia’) e passa através (‘transgride’), de forma que o espaço com o qual ele interage é composto de movimentos, sendo “*topológico*, relativo às deformações de figuras, e não *tópico*, definidor de lugares” (CERTEAU, 1994, p. 205, grifos do original). Nesse contexto, os relatos de lugares “produzem, portanto, no espaço estruturado do texto, antitextos, efeitos de dissimulação e de fuga, possibilidades de passagem a outras paisagens, como subterrâneos e arbustos: ‘ó maciços, ó plurais!’” (CERTEAU, 1994, p. 188). Dessa forma, os relatos trabalham com movimento, de maneira que podem abordar um lugar ou um espaço e, além disso, podem transformá-los um no outro, dependendo do caminho seguido por esses relatos.

Percebe-se então que o relato é uma forma de representação do espaço que ocorre, “sobretudo nas tendências naturalizantes, as quais atribuem ao espaço características físicas, concretas (aqui se entende espaço como ‘cenário’, ou seja, lugares de pertencimento e/ou trânsito dos sujeitos ficcionais e recurso de contextualização da ação)” (BRANDÃO, 2007, p. 208). Portanto, o relato

sem dúvida “descreve”. Mas “toda descrição é mais que uma fixação”, é “um ato culturalmente criador”. Ela tem

até poder distributivo e força performativa (ela realiza o que diz) quando se tem um certo conjunto de circunstâncias. Ela é então fundadora de espaços. (CERTEAU, 1994, p. 209).

Ao analisar as palavras do autor, nota-se que, no momento em que um relato deixa de existir, ocorre perda de espaço, pois o relato é um delimitador que estabelece fronteiras. Ao representar o espaço, o relato atribui a ele diversas características e, ao descrever, pode-se, inclusive, fundar um espaço. Diversos escritores descrevem o espaço utilizando os relatos, permitindo que seus leitores criem uma imagem e uma compreensão próprias a respeito do espaço abordado por seus textos.

TERRA DOS HOMENS E O ESPAÇO REPRESENTADO

Na obra *Terra dos homens*, Antoine de Saint-Exupéry apresenta suas memórias de piloto do correio aéreo francês no período de 1926 a 1935, relatando suas aspirações profissionais e suas experiências em diferentes localidades. No decorrer do texto, percebe-se que um dos lugares mais mencionados por Exupéry é o deserto do Saara, uma região capaz de provocar os mais diversos sentimentos no piloto e escritor.

A obra tem início com comentários acerca de um voo noturno, no qual Exupéry tentava encontrar o ponto de escala, buscando no horizonte pistas do local em que estava e, ao enxergar uma luminosidade, ele menciona acreditar que “só podia ser o seu farol, porque à noite, o Saara inteiro se apaga e forma um grande território morto” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 28). Nesse primeiro relato, já é possível criar uma ideia de como é o Saara para o autor à noite, escuro e vazio, uma imensidão de areia. Em seguida, o autor relata que, quando piloto da linha do Saara, ficava prisioneiro da areia durante semanas, meses e anos, passando de um fortim a outro, sem poder ir à França, transmitindo a ideia de que o deserto é um lugar solitário, uma prisão.

Figura 1: Deserto do Saara



Fonte: <http://marcosbau.com.br/geogeral/continente-africano/>

O Deserto do Saara, fonte de inspiração para diversos textos de Exupéry, está localizado ao norte da África e estende-se por onze países, sendo eles: Argélia, Tunísia, Marrocos, Saara Ocidental, Mauritânia, Mali, Níger, Líbia, Chade, Egito e Sudão, conforme aparece na ilustração a seguir:

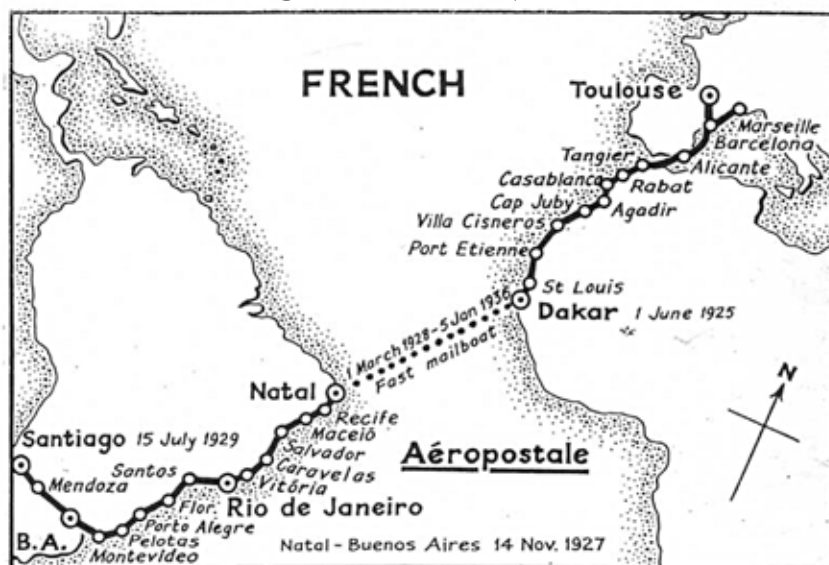
Em *Terra dos homens*, Exupéry relata as experiências vivenciadas quando fez parte da equipe responsável por sobrevoar o Saara e os Andes e levar o correio aéreo da Europa para a África e para a América do Sul. No início desse relato memorialístico, o autor comenta que alguns de seus companheiros de trabalho “fundaram a linha francesa de Casablanca à Dacar, através do Saara insubmisso” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 33), percebendo-se

então que, nessa rota, o piloto percorria um trecho que ia desde Casablanca, no Marrocos, até Dacar, no Senegal.

A linha iniciava em Toulouse, na França, e atravessava a Espanha para, então, cruzar um trecho do deserto do Saara, que compreendia o Marrocos e a Mauritânia. Por fim, chegava ao Senegal e, posteriormente, a viagem seguia até a América do Sul, conforme apresentado no mapa da linha estabelecida pela Aéropostale, empresa aérea para a qual Exupéry trabalhava:

Exupéry relata que a tripulação da Aéropostale, naquela ocasião, era composta por três pessoas que, ao fim do dia, haviam descido “na costa do Rio do Ouro” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 37),

Figura 2: Rota – Linha Aéropostale



Fonte: <https://www.europa.org/articles/trips/back-to-africa>

com o intuito de resgatar um colega, que havia tido problemas com o avião. Os três se instalaram para ali passar a noite e, “assim, em pleno deserto, na crosta nua do planeta, num isolamento dos primeiros anos do mundo, construímos uma aldeia de homens” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 38). Nesse trecho, o autor transmite a imagem de um local solitário e de isolamento, onde eles, ao mesmo tempo, se encontravam expostos, seja a algum perigo externo, seja a seus próprios pensamentos e reflexões.

Um pouco mais adiante nesse percurso memorialístico, o autor faz uma descrição sobre a costa do Saara, no qual, “entre o cabo Judy e Cisneros, o piloto sobrevoa, de longe em longe, platôs em forma de troncos de cone cuja largura varia de algumas centenas de passos até mais de trinta quilômetros” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 55), mencionando ainda que, na hora do pouso, a areia pode enganar o piloto e, o que antes parecia um solo firme, faz com que as rodas do avião afundem. Devido a isso, quando possível, os pilotos escolhiam, “para descer, as superfícies lisas daqueles platôs, que não dissimulavam nunca uma cilada” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 55), transformando esses platôs, de certa forma, em um espaço seguro na vastidão do Saara.

O escritor afirma ainda que, além do deserto, havia

os revoltosos do deserto. As noites de Cabo Judy eram marcadas, de 15 em 15 minutos, como pelo gongo de um relógio: as sentinelas, de posto em posto, alertavam-se com um grande grito regulamentar. O forte espanhol de Cabo Judy, perdido na terra dos revoltosos, precavia-se assim contra as ameaças inesperadas. (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 68)

Nesse trecho, o autor dá destaque às experiências vividas nas estadias no Cabo Judy, ocasiões em que pôde refletir sobre a solidão, que dizia conhecer após três anos no deserto. Apesar disso, Exupéry observa que, embora no começo dessa experiência o deserto fosse apenas solidão, depois de

um tempo percebia-se que “o império do homem é interior. Assim também o deserto não é feito de areia nem dos tuaregues nem dos mouros armados de fuzil” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 68-69). Embora as areias pareçam, no início, desertas, quando os pilotos começavam a temer a chegada de um *rezzou* (bando armado de mouros), as areias se transfiguravam nas “dobras do grande manto em que ele se envolve” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 69). Nesse instante, o deserto deixa de ser um espaço de solidão e se transforma em um local de reflexão, permitindo ao escritor uma nova viagem, dessa vez para dentro de si mesmo. “O Saara, é em nós que ele se mostra. Abordá-lo não é visitar um oásis. É fazer, de uma fonte, nossa religião.” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 69).

Exupéry conhecia o deserto desde sua primeira viagem, quando junto com Riguelle e Guillaumet, seus companheiros de trabalho, caiu perto do fortim Nouatchott, um “pequeno posto militar da Mauritânia” que, naquele tempo, era “tão isolado da vida como uma ilhota perdida no mar” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 69), de forma que “não havia outra coisa a ver senão estrelas” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 70). Esse relato, se analisado juntamente com os anteriores, permite compreender que Exupéry apresenta uma visão do deserto vinda dos diversos países dos quais ele faz parte, que foram apresentados anteriormente no mapa ilustrativo, trazendo novas informações no decorrer de sua viagem e, ao mesmo tempo, relatando recordações e experiências de viagens anteriores.

Durante sua estada no deserto, o autor teve a oportunidade de conhecer alguns mouros que, segundo ele, “jamais haviam visto, antes, uma árvore, ou uma fonte ou uma rosa. Só através do Alcorão conheciam a existência de jardins em que murmuram regatos, pois assim é chamado o Paraíso” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 76), trazendo à tona as diferenças espaciais vivenciadas por alguém como ele, que já havia conhecido jardins, árvores e flores, e os mouros, que conheciam somente a areia e o deserto. Além disso, relata a dificuldade para encontrar água, afirmando que demorava-se vários

dias de marcha para atingir o poço mais próximo e, quando se encontra esse poço, quantas horas para cavar na areia que o cobriu, até chegar a uma pobre lama misturada com urina de camelo! Água! Em Cabo Judy, em Cisneros, em Port-Étienne os meninos mouros não mendigam dinheiro. Com uma lata de conserva vazia na mão pedem esmola de água. (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 76).

Nesse contexto, algo que parece cotidiano e prático, como a água, torna-se um bem precioso para os mouros, que sofrem para encontrá-la e, quando o fazem, não é uma água pura e cristalina, mas uma versão turva, misturada com areia e urina de camelo, fazendo com que, para eles, um pouco de água potável seja uma conquista inestimável. Entre suas memórias, Exupéry (1994) também afirma haver chegado, um dia, ao coração do deserto, “durante um reide à Indochina, em 1935” (SAINT-EXUPÉRY, 1994, p. 95), ele esteve no Egito, nos confins da Líbia, onde enfrentou problemas.

Por meio dos relatos, é possível notar que o Saara se modifica conforme a percepção e as vivências de cada um que por ali passa, os guerreiros lembram-se de um Saara “onde cada dobra de areia era rica de ameaças escondidas, onde o acampamento, noite alta, destacava sentinelas em todas as direções, onde as notícias que chegavam dos movimentos dos inimigos faziam bater os corações em volta dos fogos noturnos” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 78). Apesar disso, um dos guerreiros segue afirmando que “hoje, ele erra ingloriamente por uma terra pacificada, vazia de todo o prestígio. Hoje, somente hoje, o Saara é um deserto” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 78), passando de um Saara inquieto, de guerras e ameaças, para um Saara pacífico e calmo, apenas um deserto.

Ao se mudar para uma cidade, esse mesmo guerreiro esperava encontrar lá o essencial porém, após a viagem, descobriu que “as únicas riquezas verdadeiras ele

as possui aqui, no deserto: o prestígio da areia, da noite, o silêncio, esta pátria de vento e de estrelas” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 82). Exupéry, após essa troca de experiências com os nativos, afirma que

assim é o deserto. O Alcorão, que é apenas uma das regras do jogo, transforma o areal em um Império. No fundo de um Saara que seria vazio representa-se um drama secreto que revolve as paixões dos homens. A verdadeira vida do deserto não é feita dos êxodos de tribos à procura de uma vegetação para os animais, mas do jogo que ali ainda se joga. Que diferença de matéria entre a areia submissa e a outra! (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 94).

Nesse relato, percebe-se a prática de espaço conforme define Certeau, pois são as experiências dos que ali passam que acabam por definir o que é o Saara. Além da areia, dos platôs ou do silêncio sem fim, há também os tipos humanos que “sentem” o espaço e fazem dele um lugar praticado a partir do relato de suas experiências. Exupéry, tendo despertado muitas vezes na amplidão do deserto, enquanto espera por socorro sob a asa de seu avião, observa que

o solo é de areia inteiramente coberta de uma só camada de seixos brilhantes e negros. Parecem lascas de metal, e todos os pequenos morros em forma de cúpula que nos cercam brilham como armaduras. Caímos em um mundo mineral. Estamos encerrados em uma paisagem de ferro (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 107).

Em *Terra dos homens*, a descrição da paisagem torna-se uma necessidade para o escritor, que busca apresentar um retrato o mais “realista” possível para o leitor. Em certo momento, Exupéry afirma que “o vale de areia ali na frente desemboca em um deserto de areia sem pedras, cujas brilhante luz branca arde nos olhos. Tudo vazio, a perder de vista” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p.

109). Apesar disso, “depois de cinco horas de marcha a paisagem muda. Um rio de areia parece correr em um vale” (2014, p. 108). Perdidos na imensidão de areia após um pouso de emergência, ele e seu companheiro Prévot decidem cortar o vale e subir o morro mais alto em busca de um contato humano, alguém que possa resgatá-los. Andaram por cerca de seis horas e percorreram em torno de 35 quilômetros. Ao chegar ao cume de uma rocha, ambos se sentam em silêncio para observar a paisagem. Nesse momento eles têm consciência exata do que é o deserto, ao mesmo tempo tão belo e tão nocivo para quem se perde em seu espaço. Exupéry começa a refletir, afirmando que “são necessários 15 dias de buscas para achar no deserto um avião do qual nada se sabe, num raio de três mil quilômetros: ora, estamos sendo procurados da Tripolitânia à Pérsia” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, P. 112).

Nesse momento, o autor afirma que vem a sua memória tudo o que ele sabe sobre o deserto da Líbia,

no Saara ainda há 40% de umidade, quando o índice aqui é de 18%. E a vida se evolui como um vapor. Os beduínos, os viajantes, os oficiais das tropas coloniais ensinam que aqui o homem resiste 19 horas sem beber. Depois de vinte horas os olhos se enchem de luz e começa o fim: a marcha da sede é fulminante. (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 113)

Enquanto ele e Prévot aguardam há dias por socorro esperando também, de certo modo, a morte, uma vez que a chance de que fossem encontrados era pequena, ele descobre que, no deserto, não existem refúgios, ou seja,

o deserto é liso como o mármore. Durante o dia ele não forma sombra e, à noite, nos entrega nus ao vento. Nem uma árvore, nem um barranco, nenhuma pedra onde possa me abrigar. O vento me acomete com a fúria de uma cavalaria em campo raso.

Dou voltas para fugir. Deito-me, levanto-me. Deitado ou em pé estou sujeito a este chicote de gelo. (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 125)

Considerando-se a situação na qual estava inserido, o escritor apresenta um Saara impiedoso, que os castiga pois, além da falta de água, ainda precisam enfrentar o frio e o vento trazidos pela noite, sem encontrar um lugar que ofereça abrigo e, ao mesmo tempo, sentem a solidão, o que os leva a reflexões profundas sobre a condição humana. Além de tudo, não há ninguém para quem possam pedir socorro e, ao amanhecer, embora caminhem com pressa, aproveitando o frescor do início da manhã, tem consciência de que o deserto não perdoa. Sob o sol forte eles não podem seguir a sua jornada em busca de socorro, sob o risco de sucumbir ao calor e à falta de água. Embora a manhã traga um frescor, o autor relata que “é uma fresca de 18% de umidade. O vento que sopra vem do deserto” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 129). Nesses momentos, o espaço do deserto se constitui a partir de duas perspectivas: descrições de aspectos geográficos e sentimentos e sensações de quem sente os efeitos das condições climáticas adversas.

Dessa forma, o relato passa a apresentar um tom mais dramático, pois, imaginando que não conseguirá sobreviver, Exupéry começa a descrever o Saara quase como um assassino, cujo calor evapora o sangue (2014, p. 129) e não lhes dá nem mesmo o direito de transpirar ou de esperar e descansar. Até mesmo dormir se torna um perigo que pode levá-los à morte, como se o sono indicasse desistência de lutar. Apesar disso, eles seguem caminhando e, nesse meio tempo, “a paisagem muda. As pedras se espaçam” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 129), de maneira que eles começam a caminhar na areia e enxergam, um pouco além, as dunas, “nessas dunas, pequenas manchas de vegetação baixa” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 129). O autor afirma preferir a parte do Saara que se parece com uma armadura, de forma que “agora é o deserto louro. O Saara” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 129), que ele imagina reconhecer. Mesmo à beira da

morte, Exupéry ainda consegue enxergar beleza na vastidão do espaço do deserto. O Saara passa de um espaço impiedoso para um cenário, uma espécie de palco onde a morte espreita aqueles que não estão preparados para dominá-lo. Segundo o autor, “esse lençol de areia, essas dunas e essas leves manchas de verdura não são mais uma paisagem, são um cenário. Um cenário ainda vazio, mas já preparado” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 130). Como ele pensava que iria morrer, acreditava que o deserto já estava preparado para isso, prestes a condená-lo.

Nesse instante, ele apresenta uma relação ainda mais forte com o deserto. À medida que a falta de água e a certeza da morte aumentam, Exupéry sente aumentar o silêncio e a ausência do Saara, que são “mais comoventes que um tumulto na praça pública” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 130). Quando tudo já estava preparado para as suas mortes, inclusive o deserto em seu silêncio acolhedor, Exupéry e Prévot encontram rastros na areia, passos e pegadas de camelo que eles começam a seguir em busca de ajuda. Após caminhar mais um pouco, enxergam um beduíno e seu camelo e, mais adiante, outro árabe. Então, o árabe os resgata e lhes dá água. Exupéry escreve com adoração sobre a água, afirmando que ela é a vida e, em seguida, relembra o beduíno Libanês que os salvou, dizendo que o reconhecerá em todos os homens e que, a partir de então, não terá mais inimigos no mundo.

Nesse momento, o Saara torna-se redentor, terra provedora de uma oportunidade de retorno à vida. Quando pensava estar

condenado à morte, Exupéry encontrou ajuda e, por causa disso, o deserto se modificou, tornando-se um local de alegria, de modo que o autor afirma que, para todos aqueles que viveram um salvamento no Saara, “todo outro prazer parece fútil” (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 143), ou seja, o resgate por ele experienciado o transformou, modificando até mesmo suas reflexões a respeito da vida, deixando-as mais profundas e complexas. Assim, o espaço praticado do deserto, para Exupéry, assume uma forma de ciclo, que começa com a identificação da beleza de suas paisagens, uma espécie de impulso à vida, passa pela rudez de seus habitantes, pelo equilíbrio entre amplitude e perigo, pela ameaça da morte e, por fim, pela redenção que leva a reflexões sobre a existência humana e o sentido da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Terra dos homens*, percebe-se que o espaço se define pela prática que se faz dele, ou seja, ele assume diferentes formas dependendo de como é vivenciado. O deserto do Saara, descrito nas memórias de *Terra dos homens*, modifica-se conforme as experiências de Exupéry, podendo ser um espaço de aventura, de júbilo, de medo ou de preparação para a morte. Assim, pode-se compreender e passar a ter variadas imagens desse “espaço praticado”, que se transforma e se desenvolve constantemente.

Mais do que um deserto de areia, o Saara passa a ser um espaço à medida que sujeitos como Saint-Exupéry o conhecem e fazem relatos de suas experiências. Exupéry comenta que para o seu sargento o deserto era “um deus perpetuamente

em marcha para o seu fortim. E também a doçura de uma prima loura atrás de cinco mil quilômetros de areia” (SAINT-EXUPÉRY, 1994, p. 70), ao passo que para o escritor e seus colegas, por outro lado, o deserto era aquilo que nascia neles, o que eles sentiam dentro de si mesmos, como se ambos estivessem unidos. (SAINT-EXUPÉRY, 1994, p. 70).

O desespero daqueles que se perdem transforma o deserto em um espaço de desalento e solidão, e a alegria daqueles que encontram uma fonte de água em suas profundezas o transforma em um espaço de vida e de conquista. Sua imagem oscila conforme as experiências individuais daqueles que por ele transitam e, segundo Bentancor (2016), isso faz com que o espaço deixe de ser uma referência concreta para se transformar em um “lugar praticado” (CERTEAU, 1994, p. 202), impulsionado pelas vivências das pessoas.

No caso de Exupéry, o deserto está sempre presente em seus relatos memorialísticos, não só em *Terra dos homens*, mas também nas cartas que escreveu para familiares e amigos e em outras obras, como é o caso de *Correio Sul*. O Saara se tornou um espaço tão representativo para ele que acabou virando um elemento de narrativa, inclusive, de sua obra de ficção, *O Pequeno Príncipe*. Como lugar praticado, o Saara representado por Exupéry se confunde com suas experiências e sua compreensão do homem e do universo, assumindo aspectos únicos. Outros indivíduos, de culturas e percepções diferentes, poderão descrevê-lo de maneira diversa, transformando-o em um espaço totalmente diferente, apesar de suas características geográficas permanecerem as mesmas.

REFERÊNCIAS

BENTANCOR, Milton Hernán. *El espacio y sus alrededores en la región. Antares: Letras e Humanidades*, v. 8, n. 16, jul/dez, 2016.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Espaços literários e suas expansões. Aletria*, v. 15, jan/jun, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.*

_____. *A cultura no plural. Campinas (SP): Papirus, 1995.*

JOSGRILBERG, Fabio B. *Cotidiano e invenção: os espaços de Michel de Certeau. São Paulo: Escrituras, 2005.*

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *Terra dos homens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.*